

## O trabalho com o léxico em sala de aula: desafios para o ensino de língua materna

Helena Maria FERREIRA\*  
Mauricéia Silva de Paula VIEIRA\*\*

19

**Resumo:** Este artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica acerca da importância do estudo do vocabulário/léxico nas aulas de língua materna. O trabalho foi organizado em três partes: bases históricas do estudo do vocabulário/léxico; abordagem pedagógica do vocabulário/léxico e considerações teórico-metodológicas acerca do uso do dicionário. A partir do trabalho empreendido, ficou evidenciado que o estudo do vocabulário/léxico é notadamente voltado para o ensino de língua estrangeira, o que tornam escassos as pesquisas sobre o ensino do vocabulário/léxico nas aulas de língua materna. O trabalho com o léxico demanda critérios que extrapolam a dimensão linguística, uma vez que o uso das palavras/dos termos se constitui em uma atividade discursiva. Assim, o estudo do vocabulário/léxico contempla apenas itens lexicais como a palavra, grupo de palavras e expressões fixas. Além disso, ficou evidenciado que o uso do dicionário como recurso metodológico exige uma preparação por parte do professor para que a utilização desse material seja realizada de forma profícua.

**Palavras-chave:** Vocabulário. Ensino de língua materna. Léxico. Dicionário.

**Abstract:** This article is the result of a literature study about the importance of vocabulary / lexicon in mother tongue classes. The work was organized in three parts: historical basis for the study of vocabulary / lexicon; pedagogical approach of vocabulary / lexicon; theoretical- methodological considerations about the use of the dictionary. From the work undertaken, it became evident that the study of vocabulary / thesaurus is mainly for teaching foreign language, which become scarce research on the teaching of vocabulary / lexicon in mother tongue classes. Working with the lexicon demand criteria that go beyond the linguistic dimension, since the use of the words / terms constitutes a discursive activity. Thus, the study of vocabulary / lexicon includes lexical items just like the word, group of words and fixed expressions. Furthermore, it was shown that the use of the dictionary as a methodological resource requires preparation by the teacher so that the use of such material is carried out fruitful way.

**Keywords:** Vocabulary. Mother tongue teaching. Lexicon. Dictionary.

### 1. Introdução

Este artigo, partindo da suposição de que existem ainda questões que demandam sistematizações, porque não se conhece o que foi feito e o que se pode fazer sobre o ensino do vocabulário/léxico, busca compilar estudos teóricos que elegem o

---

\* Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunta da Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: helenaferreira@dch.ufla.br.

\*\* Doutora pela Pontifícia Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Adjunta da Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: mauriceia@dch.ufla.br.

vocabulário/léxico como objeto de estudo. Constata-se com facilidade que na aprendizagem da língua estrangeira, a aquisição do vocabulário é um dos aspectos mais importantes do processo. Por outro lado, na aprendizagem da língua materna, essa aquisição é muitas vezes o único aspecto em que, depois de um certo estágio, o aluno ainda pode progredir. Para Leffa (2000), o domínio da fonologia, morfologia e da sintaxe de uma língua se dá antes de se chegar à adolescência, enquanto o léxico é o único conhecimento que pode ser aumentado, geralmente para o resto da vida, visto que sempre é possível aprender novas palavras.

No entanto, apesar da importância do vocabulário para a proficiência linguística, Teles (2000) postula que o ensino do vocabulário nunca ocupou um grau de relevância na escala do ensino normativo da língua, pois a escola solicitava aos alunos a memorização das palavras da *lição* com seus respectivos significados, acreditando que dessa forma estava contribuindo para que o aprendiz adquirisse um campo lexical variado. Com o passar do tempo, o ensino do léxico continua privilegiando a palavra isolada e sua definição, não exigindo uma reflexão por parte do aluno, limitando-o a identificar apenas um significado para uma determinada palavra empregada em um contexto específico, impedindo que ele perceba as variadas significações da mesma. (BEZERRA, 1999). Tal postura faz com que a maioria dos estudantes apresente tantas dificuldades em lidar com as palavras que chega a comprometer o entendimento do seu texto, principalmente quando tenta utilizar palavras cuja significação não conhece ou mesmo aquelas palavras do seu uso diário, mas que emprega inadequadamente em determinado contexto.

Este artigo tem como objetivo socializar os resultados de uma reflexão acerca do trabalho com o vocabulário em sala de aula, e, por extensão, sobre a utilização do dicionário como recurso metodológico. Para tal, busca-se apresentar um compilado de pesquisas realizadas por estudiosos que se ocupam dessa temática. Antes de se abordar a questão aqui proposta, faz-se necessário apresentar duas pontuações que são consideradas relevantes para a discussão do tema em pauta. A primeira questão reside na distinção entre vocabulário e léxico. De acordo com Genouvrier e Peytard (1974), o vocabulário consiste no conjunto de palavras efetivamente utilizadas pelo locutor em um ato de fala específico e o léxico refere-se ao conjunto de todas as palavras conhecidas pelo locutor e que, eventualmente, podem ser utilizadas por ele. Desse modo, haveria uma relação de inclusão entre vocabulário e léxico. O léxico individual é

maior do que o vocabulário utilizado por um locutor em uma dada situação de comunicação. Há autores que chamam de vocabulário ativo o mesmo que vocabulário; e de vocabulário passivo, o léxico. A distinção entre os termos parece favorecer a compreensão de conceitos básicos aqui explorados. A segunda questão direciona-se para a incidência significativa de pesquisas que versam sobre o estudo do vocabulário em língua estrangeira, em detrimento do estudo do vocabulário em língua portuguesa, o que acaba por afetar as pesquisas sobre o vocabulário da língua materna e as propostas pedagógicas que contemplam o vocabulário como um conteúdo de ensino.

## 2. Bases históricas do estudo do vocabulário/léxico

De acordo com Biderman (1984), a Antiguidade se limitou à produção de glossários, sobretudo os produzidos pela escola grega de Alexandria e, entre os latinos, o *Appendix Probi* que tinha como preocupação a compreensão de textos literários e a correção de erros linguísticos. Os glossários, desde as mais remotas origens, visavam à explicação do significado de palavras. Seu objetivo era descrever a língua ou fixar-lhe o padrão para que os falantes se comunicassem mais facilmente. Não eram, portanto, produzidos para o mero registro da língua, mas para descrevê-la e normalizá-la. Visando a uma melhor comunicação, tinham, portanto, antes de tudo, uma finalidade pragmática como os glossários modernos (MACIEL, 2001).

Na Idade Média, o estudo do vocabulário pautou-se na explicação de etimologias, muitas vezes fantasiosas, e também na elaboração de glossários que, por estarem vinculados a uma concepção mística do mundo e da linguagem, apresentaram uma visão adulterada da natureza das palavras. Assim sendo, vale ressaltar que o estudo sistematizado do vocabulário, apesar das limitações, se deu no período renascentista, quando

o homem começou a ampliar seus horizontes culturais abandonando de vez a sua reclusão medieval dentro da sua própria cultura e descobriu a necessidade de aprender línguas, uma vez que precisava de outros instrumentos de intercâmbio linguístico no mundo que se abria para um novo diálogo e trocas entre nações emergentes. (BIDERMAN, 1984, p.2)

A partir do século XVI com a produção de dicionários e do século XVII com o aperfeiçoamento das técnicas é que houve uma maior preocupação em relação à

significação das palavras e seu uso. Sendo a linguagem a mais admirável aquisição humana, é natural que tenha sido objeto de preocupação desde a mais remota antiguidade. Assim, na Grécia Antiga, o objeto de discussão foi o da relação entre o pensamento e a palavra, isto é, entre a coisa e o seu nome.

Durante muito tempo, de acordo com Leffa (2000), o léxico/vocabulário teve a sua supremacia, pois

se alguém fosse obrigado a optar entre o léxico e a sintaxe, certamente escolheria o léxico: compreenderia mais um texto identificando seu vocabulário do que conhecendo sua sintaxe. Da mesma maneira, se alguém tiver que escolher entre um dicionário e uma gramática para ler um texto, certamente escolherá o dicionário. Língua não é só léxico, mas o léxico é o elemento que melhor a caracteriza e a distingue das outras. (LEFFA, *op.cit.*, p. 23),

Com os estudos gerativistas, a ênfase do estudo de línguas se concentrou na sintaxe, embora, de acordo com Leffa (2000), essa ênfase tenha se dado de forma mais sistematizada nas pesquisas linguísticas que no ensino propriamente dito. Já, com os postulados das pesquisas linguísticas modernas, em que se privilegiam os aspectos organizacionais do texto e do discurso, os objetivos da aprendizagem de uma língua não podem ser definidos somente como conteúdos gramaticais e de vocabulário, pois o conhecimento explícito em maior ou menor grau da fonologia, da morfologia e da sintaxe, assim como a retenção de uma lista léxica, não asseguram um bom domínio de uma língua, embora, não se possa atestar a inutilidade da aprendizagem da gramática e do vocabulário em favor da importância da comunicação. De fato, a comunicação linguística não se reduz a intercâmbios de frases estereotipadas que só podem produzir a simulação de diálogos mais ou menos compreensíveis. A língua comporta dimensões que extrapolam a organização linguística, pois os aspectos discursivos é que determinam as funções dessa organização.

### **3. Uma abordagem pedagógica do vocabulário/léxico**

Ao buscar um tratamento a ser dado ao léxico no ensino de português, deve-se ter em mente que o encontro de unidades lexicais desconhecidas é uma experiência corriqueira, que deverá se repetir inúmeras vezes pela vida afora depois que o aluno superar a experiência escolar. Por isso é desejável, no tocante ao vocabulário/léxico, que

a escola se preocupe mais em formar atitudes e consolidar hábitos do que em atingir metas quantitativas arbitrariamente fixadas (ILARI,1997). Para Oliveira e Albino,

uma das possibilidades da limitação vocabular do aluno decorre de uma imagem que ele possa ter adquirido na escola de que um bom desempenho na escrita apresenta, necessariamente, uma grande variedade lexical ou vocabular. Nesse caso, para responder a essa imagem, ele poderia ser levado a utilizar algumas palavras cujo emprego realmente não conhece, em prejuízo do sentido da oração ou da construção linguística, onde essas palavras aparecem. Além disso, o aluno tem a consciência da desvalorização da sua variante linguística, assim faz uso desse recurso numa tentativa de superação desses obstáculos e desprestígios. (1993 *apud* TELES, 2000, p. 23).

Tal procedimento poderá trazer inúmeros prejuízos ao processo de ensino-aprendizagem, pois além de atenuar o preconceito linguístico, poderá criar uma falsa ideia de que um texto bem escrito é aquele que apresenta uma complexidade vocabular. De acordo com Altman (1989), o ensino de léxico se limita a uma modalidade discursiva específica – a modalidade culta literária; que trabalha a unidade lexical ao nível da frase, ou mesmo fora de qualquer contexto frástico ou discursivo em que privilegia a substância semântica das unidades lexicais, anulando e neutralizando os valores semânticos específicos que cada vocábulo pode assumir em um contexto enunciativo determinado, e solicitando do aluno, a maior parte do tempo, operações de decodificação.

Nesse sentido, o léxico concebido dessa forma, passa a ser considerado como um elemento fundamental para uma adequada proficiência nas práticas de oralidade, leitura e produção de textos, possibilitando uma maior compreensão e expressividade nos diversos contextos comunicativos a que os indivíduos estão submetidos/envolvidos. Assim, pode-se considerar que desde as conversas informais entre interlocutores com certo grau de intimidade até os níveis mais elaborados de conversação, há uma forte preocupação com as palavras a serem utilizadas, uma vez que através delas podem-se revelar atitudes proposicionais, ironia, intenções, afetividade, dentre outros. Dessa forma, faz-se necessário um redimensionamento do trabalho pedagógico acerca da utilização do vocabulário.

Segundo Kleiman (1997), um dos fatores que crucialmente contribuem para o sucesso na leitura é o conhecimento do vocabulário e nenhuma definição, por mais adequada que seja, iguala a função particularizadora do contexto. Complementando o exposto, Bezerra (1999), o estudo de vocabulário não deve ser tratado como item à parte, independente da compreensão do texto, como fazem os livros de português, em

geral. Nessa perspectiva, Binon e Verlinde (2000a) afirmam que o ensino do vocabulário não deve ter um fim em si mesmo. Para os referidos autores,

normalmente não estudamos o vocabulário pelo prazer de estudá-lo. É necessário sempre situar o vocabulário dentro de uma perspectiva comunicativa, levando em consideração as seguintes perguntas:

- por que o ensino de vocabulário?
  - qual é o público alvo?
  - quais são os objetivos, levando em conta as restrições e os recursos de que se dispõem?
  - o vocabulário deve servir para realizar que intenção de comunicação (expressar uma opinião, argumentar, escutar, ler, falar, escrever etc)?
  - em que contexto, em que tipo de discurso deve ser integrado?.
- (BINON; VERLINDE 2000a, p. 123)

Partindo das indagações feitas por Binon e Verlinde (2000a), buscou-se, neste artigo, inventariar estudos que, ainda de forma superficial, respondessem a tais questionamentos. Vale considerar que, embora tais indagações se apresentem de forma pontuada, as considerações a respeito das mesmas se encontram mescladas. Em relação ao ensino do vocabulário, é válido destacar o trabalho de Bezerra (2000) que considera que, apesar da presença constante do vocabulário na vida cotidiana das pessoas, o seu estudo nas aulas de português do ensino fundamental e médio ainda acontece de forma descontextualizada, pois não se considera o texto como um todo e menos ainda a relação entre o oral e o escrito em registros variados. É no contexto, segundo Faulstich (1997), que as palavras, frases e parágrafos ganham importância e significação. Daí surge a necessidade de uma escolha cuidadosa de palavras, para que adquiram propriedade, compondo o texto de maneira concatenada, objetiva e clara. Bezerra (1999, p. 218) afirma que o estudo dos itens lexicais realizado nas aulas de português “limita-se ao reconhecimento de seu significado, tomado isoladamente, não havendo retorno ao texto a fim de que o aluno perceba sua importância para o sentido geral desse texto”. Ao contrário, o que ocorre é uma identificação superficial das unidades lexicais, associadas, no máximo, a um contexto frasal. O estudo de vocabulário, na verdade, desmonta o texto em partes independentes, privilegia a definição das palavras, como se elas guardassem em si um significado independentemente do contexto em que se encontram. Nesse sentido, o ensino, seja ele direcionado para a modalidade oral ou escrita, “requer uma seleção lexical adequada ao assunto explorado, ao gênero de texto e a seu grau de formalidade” (*idem*, p. 220). A autora supracitada complementa afirmando que a busca pela adequação aos aspectos mencionados pode não causar dificuldades ao escritor proficiente mas, para o aprendiz, ela se apresenta bastante desafiadora.

Nessa acepção, Koch (2001, p. 25) postula que tais dificuldades advêm do fato de o sentido não estar no texto, mas construído a partir dele, no processo de interação. Assim, uma vez construído um sentido e, se este estiver adequado “ao contexto, às imagens recíprocas dos parceiros da comunicação, ao tipo de atividade em curso, à manifestação verbal coerente pelos interactantes”, a coerência do texto estará estabelecida. Complementando o acima exposto, Perini assevera

que o trabalho com vocabulário seja para análise, seja para ensino não deve restringir-se a seus aspectos estritamente linguísticos, até porque no léxico de uma língua se cruzam não só informações fonético-gramaticais, mas também semânticas, pragmáticas e discursivas, de acordo com os modelos da língua que se fala e das experiências anteriores ou dos esquemas culturais do locutor. Com essas informações, pode-se constatar que aprender uma língua não é apenas aprender suas regras, mas ainda memorizar uma grande parte de seu léxico. (PERINI, 1995, p. 51)

Reiterando as colocações, Zilles (2003, p. 5) considera que “o aumento do conhecimento lexical leva a um desenvolvimento das habilidades dos alunos tanto em termos receptivos (leitura e compreensão oral) como produtivos (fala e escrita)”. Nesse sentido, citando Gass e Selinker (1994 *apud* ZILLES, 2003), resume de maneira bastante didática os motivos pelos quais o léxico é importante e deve ser estudado, quais sejam: de todos os tipos de erros, os erros de vocabulário são percebidos pelos aprendizes como os mais sérios; o léxico é a força motriz da produção de sentenças; o léxico é importante na compreensão (ZILLES, 2003).

No entanto, a partir das afirmações disponibilizadas, Nation ressalta que reconhecer uma palavra implica:

- identificá-la em sua forma escrita e/ou falada;
- conhecer sua forma gramatical e a que categoria pertence;
- identificar suas possíveis colocações com outras palavras;
- identificar se a palavra é mais comum ou mais rara e quais os contextos pragmáticos em que pode ser encontrada;
- saber o seu significado e conseguir associá-la a seu campo semântico. (NATION *apud* ZILLES, 2003, p. 4)

O conhecimento produtivo de uma palavra inclui todos os itens acima e os estende para o seu uso, ou seja, como utilizá-la em situações reais, na fala ou na escrita. Assim sendo, o fato de o homem viver em sociedade (grupo da família, da escola, do trabalho, da igreja, do clube e outros) e ocupar funções diversificadas faz com que a sua linguagem seja influenciada pelas práticas, valores e normas de tais instituições. Tal influência faz com que o vocabulário dos participantes desses grupos vá se constituindo

com marcas características de cada grupo, de tal forma que os textos produzidos reflitam ou retomem outros textos anteriores, ou seja, recorram à intertextualidade.

Tomando por base as afirmações anteriormente mencionadas, pode-se considerar que o universo vocabular de um indivíduo constitui parte do conhecimento prévio, fator este determinante para o sucesso dos atos comunicativos, sejam eles expressos nas modalidades oral ou escrita.

Considerando-se que a recepção/produção de um texto envolve não apenas elementos linguísticos, mas também cognitivos e textuais, que por sua vez refletem determinados discursos que regulam a comunidade onde vive o sujeito, o ensino do vocabulário não deve ser visto como um estudo de sinonímia/antonímia. Em situações autênticas de leitura/escrita, o sujeito tenta estabelecer um sentido para o texto, mobilizando uma rede de conhecimentos que envolvem conhecimento de mundo e da gramática e do léxico da língua que se fala (conhecidos como conhecimentos enciclopédico, sócio-interacional e linguístico, respectivamente, de acordo com KOCH, 2002). Esses conhecimentos envolvem, além de um conjunto estático de informações, estratégias de como operar sobre eles e como utilizá-los na interação verbal.

Associar a recepção/produção de textos nas aulas a situações de uso efetivo (como já foi dito acima) implica estabelecer alguns critérios, tais como a variação de tipo e gênero, o objetivo para a escrita, o interlocutor, o assunto, o grau de profundidade na exploração desse assunto, além, é claro, dos aspectos linguísticos. Dessa forma, segundo Bezerra (2000, p.223), “o ensino de vocabulário assim realizado proporciona um tratamento mais adequado entre formas linguísticas, contextualidade e interação, relacionado às semelhanças e diferenças entre fala e escrita nas formulações textuais-discursivas”.

Assim, na aquisição ou apropriação do vocabulário, o professor deverá atentar para os objetivos e para o tipo necessário (produtivo ou de reconhecimento, técnico ou não) ao aluno de determinado nível. Paribakht e Wesche (1999 *apud* ZILLES, 2003) realizaram um estudo sobre inferência léxica e concluíram que as implicações pedagógicas que objetivam a expansão de vocabulário devem, no mínimo, levar em conta:

- a) a importância de se selecionar textos apropriados, utilizando-se de critérios que incluam o interesse e a relevância de tópicos e um nível de dificuldade adequado;

- b) a importância de se determinar tarefas apropriadas, ou seja, “tarefas que garantam que os aprendizes façam o que eles precisam fazer para desenvolver seu conhecimento de vocabulário”;
- c) a utilidade de se criar no aprendiz a consciência de como o conhecimento de um novo vocabulário pode ser acessado através de leitura e de atividades relacionadas. (1999 *apud* ZILLES, 2003, p. 124)

Assim, em relação ao trabalho com o vocabulário na escola, deve-se considerar a sua intrínseca relação com os conhecimentos linguísticos, sociocognitivos e interacionais. Para Bezerra (2000, p. 224) “o reconhecimento instantâneo do vocabulário tem sua contribuição no processo de leitura e produção de textos”, uma vez que dinamiza a competência discursiva. Vários são os fatores envolvidos nesse processo de recepção e criação de textos; dentre eles, o desejo de originalidade, a vontade de se fazer entender.

Para Alves (2000), alguns autores, ao apresentarem sugestões metodológicas para um ensino produtivo do léxico, enfatizam imediatamente a importância do contexto linguístico ou pistas contextuais, como: definição, exemplificação, sinonímia ou substituição, paralelismo através de contraste, conotação mediante efeito cumulativo (KLEIMAN, 1997, p. 75). Outros defendem estratégias que oportunizem a integração de palavras estudadas ao conhecimento prévio do aluno. Há ainda quem proponha para o ensino do vocabulário a formulação de fichas que contenham informações sobre a forma gráfica da palavra, sua classe morfosintática, a descrição do sentido com base numa análise componencial, a descrição de eventuais conotações veiculadas pelo uso da palavra, etc. A autora supracitada postula que

há vários fatores que podem contribuir para uma melhoria do ensino do léxico. O primeiro passo, ao nosso ver, consiste na formulação de objetivos claros e bem definidos, por parte do professor, para trabalhar o vocabulário dos textos, de modo que ele saiba *porque ensiná-lo e para que*. O segundo passo para um ensino eficaz do léxico, baseia-se, certamente, em concepções eficientes de leitura e texto enquanto processos interativos de comunicação entre leitor/autor e, não como pretexto para introduzir o estudo de determinadas atividades linguísticas. O terceiro passo reside, ao nosso ver, no estudo sistemático das relações de sentido (sinonímia, antonímia, hiponímia, etc) dentro de um enfoque textual e, não interfrástico. Além disso, um outro fator que também contribui para um ensino do léxico mais produtivo, diz respeito ao senso crítico do professor no tocante ao uso do glossário e do dicionário, uma vez que, segundo Terzi, tais recursos, ao serem utilizados excessivamente, tiram do aluno a oportunidade de compreender e aprender novas palavras mediante o processo de inferência lexical. (KLEIMAN, 1997, p. 78)

Dada a importância do vocabulário para o desempenho linguístico do indivíduo, é imprescindível que as instituições escolares busquem redimensionar o trabalho didático-pedagógico, de forma a propiciar aos aprendizes a mobilização de estratégias para a adequada utilização das palavras no contexto linguístico, bem como para a ativação de conhecimentos prévios para a inferência lexical.

#### 4. Considerações teórico-metodológicas acerca do uso do dicionário

Nos tempos atuais, o dicionário se tornou um objeto de consumo obrigatório para as nações desenvolvidas, assumindo públicos diversos e funções diferentes. Em face dessa diversidade, várias modalidades e vários tamanhos de dicionários foram surgindo, sendo que a modalidade varia em função do público e o tamanho normalmente em função da riqueza léxica.

De acordo com Biderman (1984, p. 28), “um dicionário padrão é um instrumento para orientar os seus consulentes sobre os significados e os usos das palavras e para que eles possam expressar suas ideias e sentimentos com a maior precisão e propriedades possíveis”. Dessa forma, é preciso considerar o como se utiliza esse recurso. Uma pesquisa conduzida por Hosenfeld (*apud* JOHNS; DAVIES, *apud* COURA SOBRINHO, 2000) apontou para o fato de que

maus leitores, quando encontram uma palavra desconhecida, consultam imediatamente o dicionário, fragmentando a leitura, o que prejudica a compreensão do texto. Por outro lado, bons leitores ficam atentos ao sentido geral do texto, fazem inferências e usam menos o dicionário. A partir da pesquisa, observa-se que: a) o sentido geral do texto é fundamental para gerenciamento da vagueza da leitura provocada por palavras desconhecidas; b) o uso de dicionário só deve acontecer em situações em que o contexto não for suficiente para a dedução do significado. Observa-se ainda que o uso de dicionário não mostrou ser benéfico quando utilizado de forma inadequada Hosenfeld (*apud* JOHNS; DAVIES, *apud* COURA SOBRINHO, 2000, p. 123)

Em face do exposto, podem-se considerar os resultados negativos apontados em estudos disponíveis sobre o uso de dicionários são provenientes das estratégias adotadas pelos usuários, que esperam que os dicionários lhes forneçam os significados em vez de negociá-los de acordo com o contexto.

Nesse sentido, Leffa (2000) considera que

a primeira regra fundamental sobre o uso do dicionário na leitura é que ele deve ser usado esporadicamente. Na leitura tradicional, com o

texto impresso em papel, a consulta feita ao dicionário é extremamente obstrutiva. O leitor precisa interromper totalmente a leitura, mover-se para um outro texto e iniciar um outro tipo de leitura, geralmente precedida de uma busca em várias páginas, até achar a palavra que procura, num verbete com maior ou menor grau de complexidade. Lido o verbete, faz uma viagem de volta ao texto original, onde vai ter que se localizar novamente, provavelmente relendo partes do texto até o ponto onde ocorreu a interrupção. A consulta ao dicionário, portanto, só é aceita como último recurso, quando as demais estratégias de construção do sentido falharem. (LEFFA, *op. cit.*, p. 78)

Já Coura Sobrinho (2000) postula que, de maneira geral, os dicionários são livros para serem consultados e não para serem lidos. Prova disso é que são dispostos em um espaço especial em bibliotecas, reservado para livros de consulta, e não junto aos livros que são emprestados. Mas, se se considerar o processo de leitura como uma tentativa de construção de significados de um texto, os dicionários seriam uma ferramenta que auxiliaria nessa construção, devendo, portanto, serem “lidos” e não consultados para se localizar respostas. Assim, parece que a leitura a que se refere o autor se situa na busca de uma adequação do sentido que o termo pode assumir em função do contexto em que foi empregado.

Parece haver um consenso no sentido de que esses livros contêm respostas imediatas para as dúvidas de vocabulário, apesar disso, de acordo com Doro (1998) “nosso grande mestre, tem sido muitas vezes deixado de lado, simplesmente pela falta de hábito dos falantes da língua portuguesa consultarem-no quando necessário” (DORO, *op.cit.*, p. 234). Tal fato faz com que os alunos leiam superficialmente muitos dos textos a que são expostos. Nesse sentido, Doro (*op. cit*) exemplifica casos como o emprego da palavra “inzoneiro”, na música Aquarela do Brasil, e as palavras “plácidas”, “fúlgido”, “fulguras”, “garrida”, “lábaro”, “clava”, “impávido”, do Hino Nacional. Segundo a autora, os alunos leem, mas na maioria dos casos, não sabem e nem buscam o significado. Isso também ocorre com o uso de gírias, como no caso do adjetivo “pentelho”, empregado pelo apresentador Faustão, no sentido de indivíduo chato, maçante e aborrecido, mas que também significa, na sua origem, os pelos da região pubiana.

Apesar do desenvolvimento ocorrido nas últimas décadas no campo da Lexicografia, observa-se que o uso de dicionários não tem sido sistematizado nas aulas de língua materna. Se, por um lado, os livros didáticos contêm atividades prevendo seu uso, por outro, não há, por parte dos professores, indicação de dicionário compatível

com o nível de proficiência do aluno, nem sobre como utilizar a obra que o aluno já possuía (COURA SOBRINHO, 2000).

Para Coura Sobrinho (*op. cit.*), existem, no meio escolar, justificativas para a não-utilização do dicionário, tais como: o fato de nem todo aluno tê-lo, a falta de adequação de uma obra disponível, a falta de orientação para o uso e uma crença de que “qualquer dicionário serve” independentemente do seu nível de proficiência.

Nesse sentido, a adoção de metodologias que efetivem uma adequada utilização do dicionário fica restrita a um pequeno grupo de professores, que busca a elaboração de atividades sistemáticas de sala de aula prevendo o uso desse recurso. Assim, para o uso apropriado do dicionário é preciso considerar as categorias desse tipo de material e público-alvo.

A partir do estudo empreendido, pôde-se constatar que não basta buscar uma adequação à destinação e ao tipo/categoria, mas saber usar adequadamente tal instrumento. No entanto, o que se percebe, conforme exposto anteriormente, é que os programas de curso normalmente não preveem orientações sobre o uso de dicionário.

Para Scholfield (1982, *apud* COURA SOBRINHO, *op. cit.*), consultar o dicionário requer a aplicação de certas habilidades, bem como considerar alguns passos:

- \*Localizar o item lexical desconhecido;
- \*Caso o termo desconhecido esteja flexionado; recuperar sua forma canônica;
- \*Consultar o item desconhecido;
- \*Caso não encontre o item desejado, trata-se possivelmente de uma expressão idiomática ou um item lexical composto por mais de uma palavra; neste caso, consulte cada elemento do item lexical;
- \*Se a palavra tiver sufixo, tente o radical;
- \*Se for uma forma flexionada irregular, procure os verbetes próximos;
- \*Se a palavra tiver diversos sentidos ou se tratar de um homógrafo, trabalhe por eliminação;
- \*Procure compreender a definição e volte ao texto para confirmar o entendimento;
- \*Caso existam diversos sentidos que encaixem no contexto, volte ao texto e procure nele outras dicas que resolvam a ambiguidade (2000, p. 147).

Tais passos sinalizam para a busca da eficiência na utilização do dicionário. Schmitz (2000) citando Tono (1980), considera que, apesar de conclusões não totalizadoras, é possível afirmar que “os alunos que utilizam os dicionários com eficiência demonstram melhor desempenho na compreensão da leitura, do que sem o uso de dicionários” (SCHMITZ, 2000, *apud* TONO, 1980, p. 86)

Em face do exposto, faz-se necessário que a orientação para o uso de dicionários, em ambiente escolar, apresente direcionamentos mais sistematizados, de forma a garantir a eficiência tanto na consulta de palavras, quanto na leitura.

## 5. Considerações Finais

Para haver comunicação, é necessário um repertório de vocábulos comum entre as pessoas, visto que podem surgir dificuldades de compreensão, uma vez que o sentido dos vocábulos está relacionado a inúmeros fatores: sociais, profissionais, de região, de escolaridade, de idade, entre outros. Assim, cada grupo de pessoas apresenta um vocabulário próprio, que pode não coincidir com o de outro grupo. Desse modo, este estudo teve como proposta propor uma reflexão acerca do processo de ensino-aprendizagem do vocabulário.

A partir do estudo empreendido, foi possível constatar que o léxico, entendido como o conjunto de palavras por meio do qual se cumprem os propósitos comunicativos dos seres humanos, deve ocupar um papel de destaque no estudo da língua, pois é por meio dele que se pode integrar linguagem e sociedade, bem como compreender dados ligados à história e à visão de mundo de um determinado grupo de pessoas. No exame de um léxico, segundo pesquisadores da área, analisa-se e caracteriza-se não apenas uma língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer.

Desse modo, o ensino do léxico deve ser uma das metas de todos os professores. É dever do educador contribuir para que seus alunos possam se expressar e ver o mundo de uma nova forma mediante um novo vocabulário pois, como se sabe, quanto mais diversificado for o vocabulário de um aprendiz, maior a sua capacidade de se expressar, de compreender e de utilizar corretamente a língua. Todavia, o ensino do vocabulário, seja no livro didático ou na escola, tem sido relegado a segundo plano, constituindo-se muitas vezes, em uma verdadeira perda de tempo. Realidade essa que se origina, sobretudo, da falta de preparo dos profissionais de linguagem que, sem objetivos claros e definidos para trabalhar o vocabulário em sala de aula, seguem fielmente as propostas dos livros didáticos sem, no entanto, fazer qualquer questionamento a respeito delas (ALVES, 2000).

Ao analisar a questão do trabalho com o vocabulário/léxico na sala de aula, pôde-se constatar que praticamente inexistem métodos de ensino de vocabulário direcionados para a língua materna, uma vez que há um predomínio de estudos que versam sobre o trabalho com o léxico de línguas estrangeiras. Constatou-se que ao utilizar o dicionário como estratégia para a aprendizagem de vocabulário, deve-se adotar metodologias adequadas que garantam que as atividades desenvolvidas tragam contribuições reais para a compreensão e para a produção textual e para o aperfeiçoamento de habilidades e de competências linguístico-discursivas.

## 6. Referências

ALTMAN, M.C.F.S. Critério de avaliação e julgamento de competência lexical e desempenho vocabular. *Anais do XVII do GEL*, p. 266-278, São Paulo, 1989.

ALVES, Maria de Fátima. O ensino do léxico: algumas considerações. Trabalho apresentado durante a XIV Jornada de Estudos Linguísticos do GELNE. Fortaleza: 02 - 04 setembro, 1998. In LEFFA, Vilson J.(Compilador). *TELA* (Textos em Linguística Aplicada) [CD-ROM]. Pelotas: Educat, 2000, p. 236-251.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de vocabulário versus compreensão de textos. In.: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy E. *O Ensino da leitura e produção textual*. Pelotas: Educat, 1999, p. 99-107.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Dificuldades no uso adequado de vocabulário em textos escolares escritos. In: LEFFA, Vilson J (org). *As palavras a sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas*. Pelotas: EDUCAT, 2000, p.215-228.

BIDERMAN, M. T.C. A ciência da lexicografia. In: Alfa: Revista de Linguística. n. 28 (supl.) São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1984, p. 1-26.

BIDERMAN, M. T.C. O dicionário padrão da língua . In: Alfa: Revista de Linguística. n. 28 (supl.) São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1984, p. 27-44.

BINON, Jean; VERLINDE, Serge . Como otimizar o ensino e a aprendizagem de vocabulário de uma língua estrangeira ou segunda? In: Leffa, Vilson J (org). *As palavras a sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas*. Pelotas: EDUCAT, 2000a, p. 119-165.

BINON, Jean; VERLINDE, Serge. A contribuição da lexicografia pedagógica à aprendizagem e ao ensino de uma língua estrangeira ou segunda. In: Leffa, Vilson J (org). *As palavras a sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas*. Pelotas: EDUCAT, 2000b, p. 95-115.

COURA SOBRINHO, Jerônimo. Uso do dicionário; configurando estratégia de aprendizagem de vocabulário. In: LEFFA, Vilson J (org). *As palavras a sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas*. Pelotas: EDUCAT, 2000, p. 73-79.

- DORO, Márcia. Dicionário garante aventura inteligente e divertida pelo mundo das palavras. In: *Revista Amae Educando*, maio 1998, n. 275, p. 23 - 25.
- FAULSTICH, E.L. de J. *Como ler, entender e redigir um texto*. Petrópolis, Vozes , 1997.
- GENOUVRIER, E., PEYTARD, J. 1974. *Linguística e Ensino do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.
- ILARI, R. *A linguística e o ensino da língua portuguesa*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- KLEIMAN, A. B. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1997.
- KOCH, I. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2001.
- KOCH, I. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo, Cortez, 2002.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KRIEGER, M. G. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ISQUERDO, A. N., ALVES, I. M. (Org.). *As ciências do léxico*. vol. 3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p.295-309.
- LEFFA, Vilson J. Aspectos externos e internos da aquisição lexical. In: LEFFA, Vilson J (org). *As palavras a sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas*. Pelotas: EDUCAT, 2000, p. 15-44.
- MACIEL, Anna Maria Becker. Para o reconhecimento da especificidade do termo jurídico. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem apresentada ao Programa de Linguagem apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Porto Alegre, agosto de 2001. 290f.
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.
- REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. Tradução de Clóvis Barleta de Moraes. In: *Alfa*, 28 (supl.), São Paulo, 1984, p. 45-69.
- SCHMITZ, John Robert. Algumas considerações sobre a dificuldade da utilização do dicionário. In LEFFA, Vilson J.(Compilador). TELA (Textos em Linguística Aplicada) [CD-ROM]. Pelotas: Educat, 2000, p. 119-129.
- TELES, Solange Maria Moraes. Inadequação semântica do vocabulário em redações escolares. Trabalho apresentado durante a XIV Jornada de Estudos Linguísticos do GELNE. Fortaleza: 02 - 04 setembro, 1998. In LEFFA, Vilson J.(Compilador).TELA (Textos em Linguística Aplicada) [CD-ROM]. Pelotas: Educat, 2000, p. 201-223.
- ZILLES, Marcelo. O ensino de vocabulário em língua estrangeira. In: LEFFA, Vilson J. (Compilador). TELA (Textos em Linguística Aplicada) [CD-ROM]. Pelotas: Educat, 2003, p. 127-142.